

Autobiografia: Memórias, experiências e sensibilidades de um exilado/imigrante espanhol**Geny Brillas TOMANIK***

Resumo: Sob o viés do amplo e inédito repertório autobiográfico de um exilado/imigrante espanhol é possível recuperar, não apenas as suas memórias, experiências e sensibilidades pessoais, bem como, o contexto social e político de acontecimentos históricos, da sua época e da sua geração, que faz parte da memória coletiva. Este artigo busca acompanhar a sua trajetória a partir da guerra civil espanhola, centrando-se nos estudos historiográficos do conflito hispânico, de questões que envolvem a escrita de si, além dos deslocamentos dos republicanos espanhóis em consequência da guerra.

Palavras-chave: Autobiografia - Escrita de si. Memória. Guerra Civil Espanhola. Exílio republicano. Deslocamentos.

Autobiography: Memories, experiences and feelings of a Spanish immigrant/exiled

Abstract: Based on a vast and undisclosed autobiographic collection of a Spanish exiled/immigrant, we aim to recover not only his memories, experiences and feelings, but also the social and political framing of historical facts that affected his time and his generation, and which is part of the collective memory. This article seeks to follow his trajectory from the Spanish Civil War, focusing on historiographical studies about the conflict, the displacement of the Spanish republicans, as well as issues related to the self-writing practice.

Keywords: Autobiography - Self-writing. Memories. Spanish Civil War. Republican exile. Displacement.

Introdução

A Guerra Civil Espanhola (1936-39) dividiu o país e a população, resultou em milhares de mortos, mutilados e feridos, provocou séria destruição material, foi palco da

* Mestre em Hospitalidade (Ciências Sociais) - Doutoranda - Programa de Pós-graduação em História Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP - Rua Monte Alegre, 984, Perdizes – CEP: 05014-901 - São Paulo, Brasil. Bolsista CAPES. Este artigo vincula-se à tese em desenvolvimento, que conta com financiamento CAPES. E-mail: gbtomanik@gmail.com

disputa entre forças pela hegemonia política mundial, além de ter sido estopim e ensaio para os armamentos da Segunda Guerra Mundial (1939-45).

Ademais, próximo ao fim do conflito fratricida, acarretou deslocamentos imprevisíveis à população republicana, que se viu obrigada a se refugiar na França, em 1939, após a queda de Barcelona no dia 26 de janeiro de 1939, com o avanço das tropas franquistas nas frentes de batalha da Catalunha e o bombardeio fascista sobre a população catalã. Conforme Alted (2012, não paginado):

La Guerra Civil implicó un proceso paralelo de consunción de un régimen y de todos sus mecanismos institucionales, frente al surgimiento de otro y su progresivo afianzamiento al compás de las victorias militares. Para el régimen republicano ese proceso se inició en la temprana fecha de noviembre de 1936, cuando, ante el asedio de Madrid por los sublevados, el Gobierno de la República inició un peregrinaje que le llevaría de esa ciudad a Valencia, de aquí a Barcelona y, como última etapa, al exilio. De esta manera, junto a la población civil y a los restos de un ejército derrotado, dirigentes políticos, funcionarios de la administración del Estado y de los Gobiernos autónomos y cuadros de los partidos políticos y organizaciones sindicales se vieron forzados a una expatriación que les llevaría en un principio a Francia o al norte de África y desde aquí a diferentes países de Europa y del continente americano.¹

O fluxo humano de refugiados espanhóis em direção à França era constituído por combatentes do Exército Popular Republicano, autoridades e funcionários do Governo Republicano, e civis, com seus familiares, mulheres, idosos e crianças, bem como mutilados e feridos de guerra. Entre eles, Pedro Brillas, ferido por uma metralha na cabeça, durante um confronto com o inimigo, e o seu novo amigo Antonio, ferido em uma das pernas.

O conflito hispânico trouxe experiências indeléveis, que motivaram a escrita de si ao longo da vida de Pedro Brillas (1919-2006), ex-combatente republicano com ideais anarcosindicalistas, nascido em Barcelona, Espanha. Com base em sua autobiografia, este artigo busca recuperar parte dessas memórias, vivências, sensibilidades e da sua trajetória.

Além do hábito da escrita autorreferencial, o autor também tinha a prática de “arquivar a própria vida” (ARTIÈRES, 1998), ou seja, foi um minucioso arquivista dos seus

¹ A Guerra Civil envolveu um processo paralelo de enfraquecimento de um regime e de todos os mecanismos institucionais, face à ascensão de outro e sua consolidação progressiva no compasso de vitórias militares. Para o regime republicano esse processo começou no início de novembro de 1936, quando, diante do cerco a Madrid pelos sublevados, o Governo da República iniciou uma peregrinação que o levou dessa cidade à Valência, daqui à Barcelona, e como último passo, ao exílio. Desta forma, juntamente com a população civil e os restos de um exército derrotado, líderes políticos, funcionários da administração do Estado e dos governos autônomos, além de quadros dos partidos políticos e organizações sindicais viram-se forçados a uma expatriação, inicialmente na França ou ao norte da África, e posteriormente a diferentes países da Europa e das Américas. (tradução nossa).

registros escritos, fotografias e da sua documentação pessoal, durante sua vida, portanto, um “guarda-memória” (LEJEUNE, 1997), possibilitando a extrapolação dos seus relatos do âmbito privado para o público, mediante a socialização acadêmica.

Corpus documental, a motivação e o mérito da escrita de populares

*Es tarea más ardua honrar la memoria de los seres anónimos que la de las personas célebres. La construcción histórica se consagra a la memoria de los que no tienen nombre.*²
(Walter Benjamin)

O rico e amplo *corpus* documental em pauta é constituído de diários, memórias, apontamentos avulsos (*hupomnemata*¹, conforme Foucault, 2006), além de esquemas, fotografias e mais de 400 cartas. Pedro Brillas costumava se corresponder com os familiares na Espanha, Argentina (onde vivia a sua irmã Josefina, que constituiu família no país), e com alguns familiares da sua esposa alemã; além de amigos e ex-companheiros de guerra, na França. Portanto, o autor se correspondia, sobretudo, em espanhol, francês e alemão, e por vezes, em português. Além disso, costumava fazer cópia carbonada das missivas redigidas por ele, na qual fazia anotações, como a data da resposta, e outros apontamentos específicos.

Cabe salientar que, concernente aos seus *hupomnemata*, devidamente conservados e arquivados durante décadas, Pedro recorria à prática de anotar datas, feitos, viagens, eventos, registros contábeis, para consulta e, também, para a posterior escrita de si, pois, conforme Artières (2013, p. 47):

Vemos o quanto o ato de anotar e, mais ainda, o de inscrever é aqui determinante: o essencial está nessa atividade, que consiste, ao mesmo tempo, em extrair um fato do real, em construí-lo como acontecimento, inscrevendo-o numa lista, e em conservar esse documento. Essa verdadeira base de dados sobre uma existência da segunda metade do século XX é também a soma de milhares de gestos mínimos de escrita.

Ademais das cartas e de diversos apontamentos, a sua autobiografia é constituída por 23 cadernos manuscritos, alguns deles seriados (1.240 páginas), outros avulsos,

² É mais árdua a tarefa de honrar a memória de pessoas anônimas do que a de celebridades. A construção histórica é dedicada à memória daqueles que não tem nome. (tradução nossa).

redigidos pelo autor a partir de 1938, em Barcelona, Espanha, a exemplo de “*Mis Memorias*”, há outros diversos registros, em espanhol, francês e português/“portunhol”. Entre eles, textos datilografados em português, em espaço simples, por Pedro Brillas, no fim da vida, sem data inicial, presumidamente de 2005 e finalizadas em 2006, que somam 337 páginas. Essa derradeira produção de si foi sistematizada pelo autor em capítulos, em ordem cronológica, conforme os acontecimentos se desenrolaram, cujo período retratado situa-se entre 1919 e 1971.

Entre esses escritos constam relatos sobre a sua vida e opiniões políticas, a exemplo de um apêndice explicativo de duas páginas em espanhol: “*Comentários finales sobre mi participación en La Guerra Civil - Porque fuimos derrotados*” - 01/09/36 – 08/02/39 (Comentários finais sobre a minha participação na Guerra Civil – Porque fomos derrotados) e um adendo de uma correspondência: “*Resume des conditions qui m’ont conduit a la situation de persone contrainte au travail en territoire occupé par l’ennemi*” (Resumo das condições que me levaram à situação de pessoa ao trabalho forçado no território inimigo), redigido em francês em 14 junho 1989.

Cabe destacar que a escrita de si de Pedro Brillas iniciada em 1938 e finalizada em 2006, com o seu falecimento, perfaz, portanto, aproximadamente 70 anos da memória de si. Todavia, há intervalos e rupturas temporais e do ato da escrita e, deste modo, novas reconstruções da memória, ao longo desses anos.

O seu grande amigo espanhol, também refugiado, Joaquim Macip e a sua família francesa, ingressam em 1952, com viagem subvencionada pela Organização Internacional dos Refugiados (OIR), conhecida também como *International Refugee Organization (IRO)*, e a sua autobiografia denominada “A minha História”, reúne 39 páginas digitadas e editadas eletronicamente pelo neto do autor, em março de 2008.

Incluem-se ao material documental de ambos os espanhóis documentos pessoais, nos quais se pode apreender o contexto social e político em que estavam inseridos, como *Carnet Movimiento Libertario Espanol en Francia - Confederación Nacional del Trabajo (CNT)*, *Carnet de Identidad – Agrupacion Militar* de 1945, como Sargento da República; e até mesmo uma carteira de estudante de fotografia em Paris, *Carte d’Élève n° 202 de l’exercice 1950-1951 da Chambre Syndicale des Photographes Professionnels de la Région Parisienne*,² e *Certificat d’Identité et de Voyage – Pour les réfugiés Espagnols*, carteira de identidade, na qual Pedro Brillas é reconhecido como refugiado (de guerra) espanhol pelas autoridades francesas – como mostra a Figura 1 –, entre tantos outros documentos. Vale registrar que muitos dos refugiados espanhóis não possuíam passaporte espanhol.

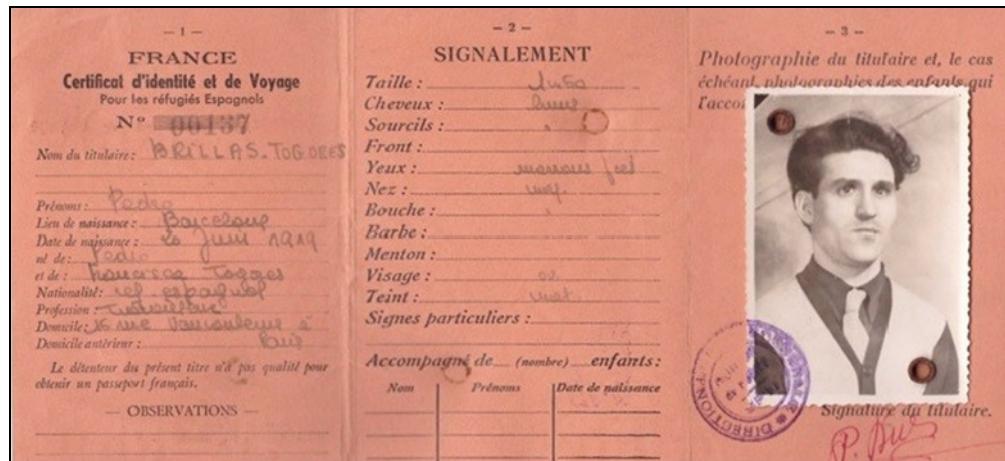


Figura 1 - Documento de identidade e de viagem de Pedro Brillas, expedido pelas autoridades francesas, no qual consta “para os refugiados espanhóis”.

Fonte: Acervo da autora.

Este amplo período da memória de si justifica-se pela busca do autobiógrafo, não apenas em relatar os eventos históricos e experiências comuns e incomuns a um suposto leitor (LEJEUNE, 2008), mas, sobretudo, na sua frequente manutenção e atualização da memória (POLLACK, 1992), como se quisesse esmiuçar detalhes, antes não contemplados, ou pode-se questionar, se simplesmente, Brillas quisesse compreender o passado inesquecível, sob o seu olhar atualizado. Embora os fatos e experiências sejam os mesmos, o passado não permanece cristalizado, pois a (re)interpretação do que foi vivenciado anteriormente é atualizada e reconstruída constantemente, de acordo com as experiências posteriores.

Com base nos registros de Pedro Brillas, pode-se observar que o conflito civil motivou a elaboração das suas memórias, prática incomum para um jovem de apenas 18 anos:

[sic] El principal motivo de estas memorias es recordar [...] los hechos más interesantes de mi vida, en cual hasta el presente no tiene hechos que puedan contarse como extraordinarios, pues ni mi carácter ni mi cultura no me ha permitido salido de lo vulgar. A pesar de todo hay sentimientos y pensamientos que no han salido al exterior que modestia a parte, podían contarse entre los interesantes.

Empiezo a recordar y escribir mis memorias desde el 19 de Julio de 1936, día que para mí y para todos los españoles ha de ser de los que no se olvidan y de los que produce cierto orgullo al haber vivido. (BRILLAS, 1938, p. 2, grifos nossos).³

³ O principal motivo destas memórias é recordar [...] os fatos mais interessantes da minha vida, a qual até a presente data não tem acontecimentos que se poderiam contar como extraordinários, pois nem meu caráter, nem a minha cultura me permitiram sair do comum. No entanto, há sentimentos e pensamentos que não foram exteriorizados, que modéstia à parte, poderiam estar entre os interessantes.

Esta citação é extraída das suas memórias, escritas em Barcelona (Figura 2), durante um intervalo dos combates, quando o autor estava de licença, em casa. Entretanto, esses escritos não prosseguiram naquele caderno, pois Pedro retornou ao campo de batalha, e nunca mais para o convívio familiar na Espanha. Este exemplar foi recuperado pelo autor, décadas depois, por ocasião de uma visita à família e à terra natal.

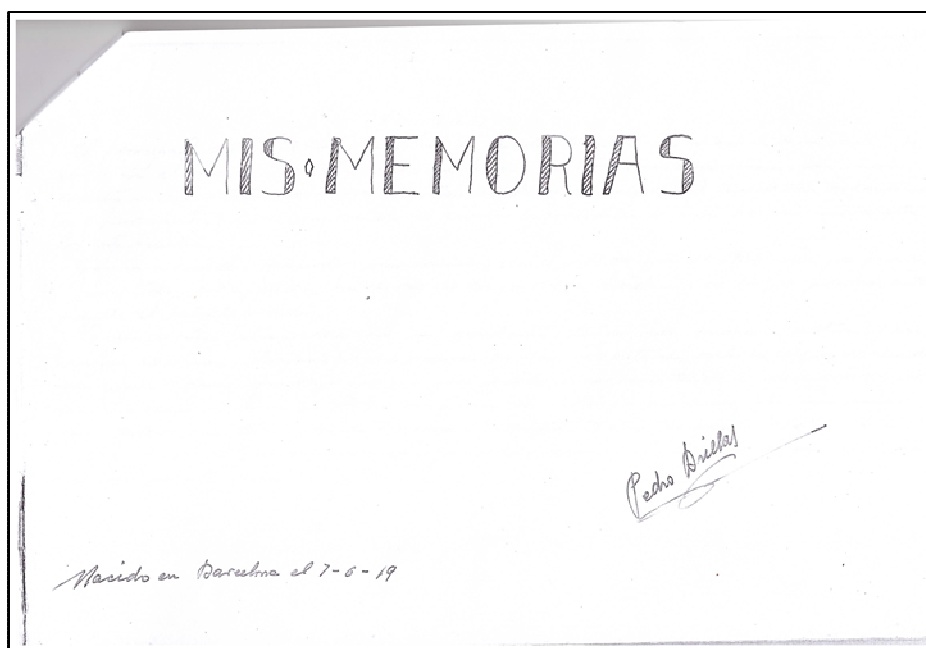


Figura 2 - Memórias de Pedro Brillas, 1938, Barcelona.
Fonte: Pedro Brillas - acervo particular

O relato a seguir corrobora o fato de que o conflito civil foi a motivação inicial para a escrita autobiográfica de Pedro Brillas, embora, tenham sido inúmeras as vezes que ele as perdeu, retomando-as, posteriormente, sob a forma de memórias. Como já destacado, o autor as finalizou pouco antes da sua morte, em 2006, quando pretendia apresentar as suas memórias escritas e o seu testemunho presencial sobre a guerra hispânica, em uma televisão na Catalunha, Espanha, por ocasião do 70º ano do início do conflito (1936). Abaixo uma breve retrospectiva da escrita de si, efetuada pelo autor Pode-se, também observar a relevância atribuída pelo próprio memorialista aos seus escritos, como se fosse uma das suas metas de vida e, ainda, a sua expectativa na continuidade póstuma de tais relatos:

[sic] Convém esclarecer, que desde que saí de casa aos 17 anos para alistar-me como voluntário na guerra civil espanhola, **que iniciei a escrever**, porém vários foram perdidos, o primeiro no front da Catalunha,

Começo a recordar e a escrever minhas memórias a partir do dia 19 de julho de 1936, dia que para mim, e para todos os espanhóis deve ser daqueles inesquecíveis e que produzem certo orgulho em tê-los vivenciado. (tradução nossa).

quando fui ferido por uma granada, perdendo todos os meus pertences. Recomecei um outro, no campo de concentração em Argelès sur Mer, nos Pirineus franceses. Este foi perdido, na fronteira belga em um avanço dos alemães, com destino à França. Recomecei um outro, ainda na 13. Cia. de Trabalhadores Espanhóis, até que em um bombardeio em Abril de 1945, o prédio dos Berzen, foi destruído após um ataque dos aliados, perdendo também meus pertences, salvando a vida por milagre, juntamente com Maria e sua irmã Edith. O prédio de 6 andares, desmoronou, ao explodirem várias bombas ao mesmo tempo. Como estávamos no porão, com outras 3 mulheres e um homem, escapamos também do incêndio que se produziu logo após. Tenho recomeçado outros, sem contudo terminar nenhum, talvez somente após minha morte. (BRILLAS, 2000, p. 10, grifos nossos).

Neste sentido, considera-se que as guerras, batalhas e revoluções são acontecimentos históricos inesquecíveis para aqueles que os vivenciaram, e que podem ser gatilhos para o registro dessas experiências marcantes, pois são as pessoas comuns a sofrerem diretamente as suas consequências, na sua rotina cotidiana, no seu direito de ir e vir e na sua segurança, mas, sobretudo, para aqueles que – voluntária ou involuntariamente –, enfrentam o combate nos campos de batalha, com desfechos imprevisíveis.

Deste modo, estes eventos permanecem retidos perenemente, como tatuagens indeléveis em suas memórias e as testemunhas recordam do momento em que souberam do fato, independentemente do tempo transcorrido, como fica evidenciado nos registros de Pedro Brillas (1996, p. 1-3):

[sic] O dia 18 de julho de 1936 era um domingo, um bonito dia de sol de verão, bom para praia. [...] Pela madrugada, já com o sol iluminando o céu, fomos acordados por explosões e tiros. Toda a família levantou às pressas e preocupados da cama.

A cada momento aumentava o barulho das explosões e dos tiros, e cada vez mais perto. Já não eram só tiros isolados de revólver ou fuzis, senão que também de metralhadoras e canhões. [...] Francamente, eu ignorava o que na realidade estava acontecendo, mas meus irmãos falavam que era revolução. [...] Daí meus irmãos, ao escutarem os disparos e as explosões (canhonaços), falarem de que se tratava da revolução, ignorando, porém, naquele momento, de quem era a iniciativa da “Revolução”, se das forças populares ou da direita.

Há apenas um mês eu tinha completado os 17 anos. Ainda era um adolescente, com muitos sonhos. Apenas começava a desfrutar da parte boa da vida.

Da mesma forma, o grande amigo fraterno de Pedro, o valenciano Joaquim Macip, com trajetória similar, inicia as suas memórias, décadas depois, já no fim da sua vida, precisamente por aquele momento:

[sic] Benicarlo, era sábado, dia 19 de julho de 1936, eu tocava o trombone de vara na praça da Igreja, numa pequena orquestra, num baile de fim de semana. Em determinado momento escutamos: *REVOLUCIÓN!!!*
REVOLUCIÓN!!!

Estas palavras mudaram minha vida, meu comportamento, minha maneira de ser, meu eu. Eu sei que aquela noite eu aprendi mais que em meus 19 anos de vida. Fazia coisas que nunca tinha feito, falava diferente, me sentia outro. Hoje, repito que as circunstâncias vividas desde aquele momento, me manifestaram o que eu iria ser e sigo sendo hoje. Neste dia, ao ouvir estas palavras, todos mudaram o que conheciam e o que já tinham vivido (MACIP, 2008, p. 2, grifo do autor)

É possível notar a discrepância de datas entre os dois registros – lapsos da memória! Na realidade, dia 19 de julho foi um domingo ensolarado, e muito quente, como todos lembram, e a guerra civil foi iniciada naquele fim de semana de 1936 (BUADES, 2013; CABEZA, 1987; SAN GEROTEO, 2012). Além disto, as citações em epígrafe evidenciam que a Guerra Civil Espanhola, foi um marco, não apenas na historiografia espanhola, conforme Passerini (2011), bem como, no aspecto subjetivo, pois, a partir do conflito, os hispânicos sentiram-se “orgulhosos” de a terem vivenciado, “mudados”, “outros”.

Portanto, um dos questionamentos iniciais deste estudo, o que pode levar uma pessoa comum à escrita de si, foi respondido pelo próprio autor. Outra pergunta visava saber em quais momentos Pedro escrevia os seus diários de guerra. Nos seus diários redigidos no campo de batalha do Rio Segre, em setembro de 1938, é possível identificá-los:

[sic] 03/09/1938

Durante toda la mañana me he estado, en el campamento escribiendo, leyendo y haciendo una relación del material con que necesito en caso de combate, relación que he ido a llevar personalmente al capitán.

04/09/1938

Luego de cenar he escrito un poco y me he vuelto a acostar. [...]. Sin novedad en toda la noche. El día guerrero ha sido nulo, puesto que ha habido tranquilidad absoluta!

05/09/1938

He sido llamado por el capitán el que me ha dado unos fusiles y unas órdenes para el caso de que viniese la aviación. Después de comer he escrito una carta para Jaime. Poco después me han venido a buscar el fusil ametrallador que hace dos días me trajeron.

06/09/1938

Después de almorzar, he bajado a lavarme y a lavar ropa. He ido de paso a la 1ª compañía para ver a Leal, pero este era fuera. Al regresar al campamento he comido y luego he escrito. He ido a buscar una carta mía que me mando la madre. Le he contestado y además he escrito otra para Lolita.

07/09/1938

Toda la mañana me la he pasado en el campamento, escribiendo, leyendo, trabajando y yendo a buscar agua y de paso a ver si se habían encontrado la caja amarilla con jabón. Han llegado al acampamento el sargento Casals con cinco soldados. Después de comer he recibido una carta de una chica que no conozco personalmente y a la que yo le escribí anteriormente. Se llama Conchita Gibert³. Después le he contestado y luego me he puesto a leer la prensa y el Diario de nuestra guerra. [...].

08/09/1938

La mañana la he pasado casi toda en la barraca pues hacia mal tiempo. He escrito y me he puesto a leer y además me he ido un rato a la barraca de Aparício y luego a la de Aguilera [...].

09/09/1938

Esta mañana después de almorzar, hemos arreglado la barraca, luego nos hemos ido a buscar leña. Además yo he escrito 1 carta y 2 tarjetas [...].

11/09/1938

Luego he ido a la barraca de Peiro⁴ a buscar el correo y prensa y me ha dado una carta para mí, de Antonieta, la que me dice que Juan ha sido operado pero que sigue bastante bien, luego yo he escrito una carta para Aurora Díaz de Navas, al terminar hemos jugado Arman y yo a cartas hasta que ha llegado la cena. (BRILLAS, 1938, p. 3-11).⁴

Nestes diários, escritos no calor da frente de batalha, evidencia-se que o autor escrevia (cartas e o seu diário) e lia (cartas e jornais) nos momentos de ócio, e que esta prática havia se tornado um hábito, perpetuado durante toda a sua vida. Esta atividade guerreira tranquila, presumida pelo jovem combatente, consta não apenas no corpo do diário, mas também como nota “adicional” no próprio apontamento:

[sic] La actividad guerrera se ha reducido a un bombardeo de nuestros aviones de las líneas facciosas de Camarasa. Los facciosos les han hecho nutrido fuego antiaéreo, a pesar de lo cual los aviones han hecho su cometido. Esto ha ocurrido poco antes de almorzar. El resto del día sin novedad. (03/09/1938).

Adicional: Por la mañana se ha notado presencia de aviación. El enemigo ha disparado varios obuses sobre nuestras líneas. Por lo demás el día ha sido tranquilo (05/09/1938) - (Pedro Brillas, 1938).⁵

⁴ 03/09/1938 - Durante toda a manhã estive no acampamento escrevendo, lendo e fazendo uma lista do material que necessito em caso de combate, lista que levei pessoalmente ao capitão.

04/09/1938 – Após jantar, escrevi um pouco e fui deitar. [...]. Sem novidade durante toda a noite. O dia guerreiro foi nulo, uma vez que houve tranquilidade absoluta.

05/09/1938 – Fui chamado pelo capitão, que me deu alguns fuzis e algumas ordens para o caso que viesse a aviação (inimiga). Depois do almoço, escrevi uma carta para Jaime. Pouco depois vieram buscar a metralhadora, que me trouxeram há dois dias.

06/09/1938 – Depois do almoço, desci para lavar-me e lavar roupas. Passei pela 1ª companhia para ver Leal, mas ele estava fora. Ao retornar ao acampamento comi, e em seguida escrevi. Fui buscar uma carta minha enviada pela minha mãe. Respondi-lhe, além de escrever outra para Lolita.

07/09/1938 – Durante toda a manhã fiquei no acampamento, escrevendo, lendo, trabalhando e indo buscar água e passei para ver se haviam encontrado a caixa amarela com sabão. Chegou ao acampamento o sargento Casals com cinco soldados. Depois do almoço recebi uma carta de uma garota que não conheço pessoalmente, a quem eu havia escrito anteriormente. Chama-se Conchita Gibert. Depois lhe respondi, e em seguida me pus a ler a imprensa e o jornal da nossa guerra. [...].

08/09/1938 – Passei quase toda a manhã na barraca devido ao mau tempo. Fiquei escrevendo e lendo, além de passar algum tempo na barraca de Aparício e depois na de Aguilera [...].

09/09/1938 – Esta manhã, depois do café da manhã, arrumamos a barraca, em seguida fomos buscar lenha. Ademais, escrevi uma carta e dois cartões [...].

11/09/1938 – Logo fui à barraca de Peiro, buscar o correio e a imprensa, que me deu uma carta para mim de Antonieta, que me contou que Juan foi operado, mas que está bem, em seguida escrevi uma carta para Aurora Díaz de Navas, ao terminar Arman e eu jogamos baralho até que chegou o jantar. (tradução nossa).

⁵ A atividade guerreira limitou-se a um bombardeio de nossos aviões das linhas facciosas de Camarasa. Os rebeldes descarregaram abundante fogo antiaéreo, embora os aviões fizessem o seu trabalho. Isto aconteceu pouco antes do almoço. O resto do dia sem novidade (03/09/1938).

Observa-se aqui, que apesar da suposta tranquilidade em alguns momentos no campo de batalha, as atividades guerreiras, como Pedro as denomina, prosseguiram, bem como a escrita de si. A seguir, uma página do diário, avariado por duas guerras (Guerra Civil Espanhola e Segunda Guerra Mundial) e pela passagem do tempo:

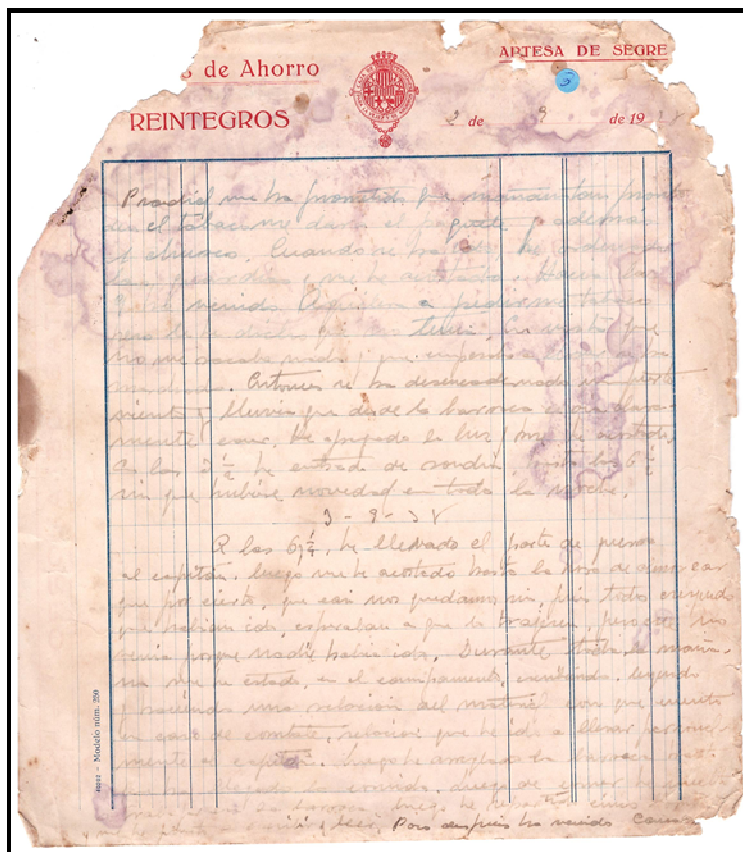


Figura 3 - Diário da frente de Batalha do Rio Segre, Guerra Civil Espanhola
Fonte: Pedro Brillas (1938) – acervo particular

Décadas depois, entre 2005 e 2006, Pedro Brillas rememora aqueles episódios e a prática da escrita e da leitura nos momentos de tempo livre no campo de batalha. Desta maneira, estas memórias reconstituídas e atualizadas pelo memorialista, no fim da vida, fundamentam-se não apenas nas suas próprias “lembranças de velho” (BOSI, 1994), mas quiçá também nos diversos registros ao longo da sua trajetória. Entretanto, é possível observar que não há cópia literal dos registros nas diversas reconstruções da sua memória ao longo dos anos.

[sic] Quando se está no front de batalha, onde nem cada dia se combate, o pessoal aproveita para ler, escrever, conversar com os amigos, jogar cartas,

Adicional: Pela manhã notou-se a presença de aviação. O inimigo disparou vários obuses sobre as nossas linhas. Além disto, o dia foi tranquilo (05/09/1938). (tradução nossa).

dados, e dormir. Estando na retaguarda, sem compromisso nenhum, a gente aproveita mais o tempo (Pedro Brillas, 2005-06, p. 54-18⁵).

Assim, passamos umas semanas, entre lições, práticas militares, passeios pela vila, banhos no rio Segre, dias com boa e abundante comida, ler e escrever nas horas de folga, e alguma visita ao acampamento para rever os companheiros que tinham ficado lá. [...]. (Pedro Brillas, 2005-06, p. 58-22).

Sem novidades bélicas. [...] **Eu aproveitei a calma para ler, escrever cartas, meu diário**, conversar com meus companheiros, jogar cartas, etc. Recebi também cartas de minha mãe, de Antonia e de minhas namoradas [...] (BRILLAS, 2005-06, p. 62-26, grifos nossos).

Observa-se, ainda, que a escrita epistolar foi uma constante durante a vida de Pedro Brillas, até nos campos de batalha. Certamente, isto se deve à busca de notícias dos entes queridos e do seu cotidiano interrompido pela guerra, para apaziguar as saudades e encurtar a distância, mas, a troca de missivas era, sobretudo, uma forma de apoio afetivo e psicológico para o medo da morte. Esta era a função das assim denominadas “*madriñas de guerra*”, que ofereciam apoio moral para enfrentar os perigos, escreviam e enviavam pequenos presentes aos soldados durante a guerra civil (RAMON; ORTIZ, 2003). Supõe-se que Conchita Gibert, a “amiga postal” citada por Pedro, teria sido uma delas, pois não a conhecia pessoalmente.

Pode-se questionar qual a importância e o mérito da escrita autorreferencial de populares, os “escritos ordinários” (CHARTIER, 1991), produzidos por pessoas anônimas, como os de Pedro Brillas. Neste sentido, deve-se entender que a memória individual, além de refletir as suas próprias experiências e sensibilidades, retrata também o contexto social da sua época e da sua geração, além de vivências e sentimentos coletivos, ou seja, deve-se considerar que a memória das emoções não possui apenas caráter privado (PASSERINI, 2011).

Essas escrituras de pessoas comuns eram ignoradas pelos pesquisadores, pois acreditavam que, por não dominarem a língua e a escrita padrão, não soubessem se expressar. Entretanto, esses guardados, muitas vezes esquecidos em gavetas e baús no ambiente doméstico, transpuseram fronteiras invisíveis, e representam uma maneira de recuperar, preservar e dar voz aos seus relatos; sejam eles, memórias, apontamentos, diários, ou mesmo cartas. De acordo com Adámez Castro (2011, p. 695):

El conocimiento de la escritura abrió un mundo de posibilidades a la gente común, gracias a ella se comunicaron con sus seres queridos, realizaron ejercicios de introspección en los que intentaban evadirse de su dura realidad o se relacionaron con el poder demandando aquello que les era preciso. Para ellos la escritura se convirtió en el arma perfecta con la que romper ciertas fronteras y llegar dónde su voz no lo hacía.⁶

⁶ O conhecimento da escrita abriu um mundo de possibilidades às pessoas comuns, graças a ela, puderam comunicar-se com seus entes queridos, realizaram exercícios de introspecção na tentativa de escapar de sua dura realidade ou se relacionaram com o poder demandando o que necessitavam.

Esses escritos de populares anônimos exteriorizados, mesmo que sejam de fórum privado e subjetivo, adquirem um caráter universal, de uma “ilusão de eternidade” e um sentido de civilidade. Nesse sentido, Arfuch (2010, p. 33) aponta:

La narración de la propia vida, como expresión de la interioridad y afirmación del «sí mismo», parecería remitir tanto a ese carácter «universal» del relato [...] como a la «ilusión de eternidad» que, según Philippe Lejeune (1975), acompaña toda objetivación de la experiencia.⁷

E ainda:

Pero además, público y privado sólo se dirimen en el estatuto de la visibilidad. Está también el otro componente, el de los intereses – públicos y privados –, el rango que sumen, en un momento dado, los asuntos públicos, no sólo en cuanto a su circulación mediática sino como incumbencias obligadas de un sentido de civilidad.⁸ (ARFUCH, 2010, p. 77).

Nota-se a necessidade da preservação da memória como fator identitário individual ou de um grupo social, conforme as ponderações de Pollack, (1992, p. 5):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Nesse âmbito, reflete-se sobre o legado dos escritos autobiográficos de populares, isto é, no momento em que colocam no papel as suas experiências, trajetórias de vida e as suas sensibilidades pessoais, pressupõe-se a sua “doação” a um leitor – conhecido, ou mesmo desconhecido –, sobretudo quando o próprio autor expressa claramente nessa produção a quem se destina.

É o caso de alguns dos escritos de Pedro Brillas, que possuem dedicatória aos familiares e amigos (nomeando-os), “[...] e a todos aqueles que por mim tenham se interessado.” (BRILLAS, 1995, p. 1), ou seja, a supostos leitores, em que há explicitamente um pacto autobiográfico e reciprocidade entre narrador/personagem e leitor (LEJEUNE,

Para eles, a escrita tornou-se a arma perfeita para romper certos limites e chegar onde a voz não o fazia. (tradução nossa).

⁷ A narrativa da sua própria vida como uma expressão da interioridade e da afirmação de ‘eu mesmo’ parece referir-se tanto ao caráter ‘universal’ do relato [...] como ao da ‘ilusão de eternidade’ que, segundo Philippe Lejeune (1975), acompanha toda objetivação da experiência. (tradução nossa).

⁸ Mas, além disso, público e privado não se explicam apenas no estatuto da visibilidade. Há também outro elemento, o dos interesses - públicos e privados -, a categoria que assumem, em um dado momento, os assuntos públicos, não só no que diz respeito à sua circulação midiática, mas também como atribuições obrigatórias de um sentido de civilidade. (tradução nossa).

2008). Em dado momento, o autor afirma em suas memórias, que seriam o seu legado aos filhos, pois “[sic] Não fui, nem sou um Gênio, um intelectual, um artista, um excepcional. Fui e sou um homem comum que não deixa obras de arte. Se consigo continuar a levar a término estas memórias, me considerarei um homem feliz.” (BRILLAS, 1984, p. 5).

Esse pacto entre narrador e personagem, ocorre na elaboração de uma “Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade.”, (LEJEUNE, 2008, p. 49). E pressupõe incondicionalmente a contratualidade, cujo ato documental,

[...] la cual únicamente existe éste cuando un receptor lee un escrito otorgándole con su acción su carácter de documento, incompleto, latente hasta entonces. Extrapolando esta noción al género autobiográfico podíamos decir que solo existen autobiografías cuando se publica y llega efectivamente a un lector cualquiera. (CORDÓN apud SILVA, 2012, p. 44).⁹

Um dos objetivos da pesquisa em desenvolvimento é justamente este, dar visibilidade ao amplo legado autobiográfico de Pedro Brillas, cuja autobiografia retrata eventos históricos, experiências comuns e incomuns; estratégias de sobrevivência; cotidiano, sociabilidade (redes de acolhimento), alimentação, higiene; contexto político e social, e sensibilidades – de caráter privado e público – sob o olhar do autor.

Recorrentes deslocamentos e novas experiências: consequência da Guerra Civil Espanhola

A trajetória de Pedro Brillas é permeada de sucessivos deslocamentos a partir do conflito fratricida, retratados na sua autobiografia. Entretanto, os relatos iniciam-se a partir da infância e da juventude em Barcelona, Espanha; o seu engajamento como voluntário aos 17 anos nas forças republicanas antifranquistas e o exílio involuntário, aos 19 anos, a partir do dia 8 de fevereiro de 1939. Primeiramente na França, em um campo destinado inicialmente aos refugiados republicanos, denominados “campos de internamento” – como os franceses preferem chamá-los, mas comumente conhecidos como campos de concentração.

O *Camp d'Argèles* foi um dos primeiros campos construídos na praia pelos franceses, para abrigar os refugiados espanhóis, subestimados em algumas dezenas de

⁹ [...] o qual existe apenas quando houver um receptor que lê um escrito, outorgando-lhe com esta ação um caráter de documento, incompleto, latente até então. Extrapolando esta noção ao gênero autobiográfico poderíamos dizer que somente existem autobiografias quando forem publicadas e chegarem efetivamente a um leitor qualquer. (tradução nossa).

milhares, porém, chegaram a quase meio milhão de pessoas, que foram distribuídas em diversos campos (PESCHANSKI, 2009).

O êxodo massivo dos republicanos espanhóis rumo à França, conhecido também como *La Retirada*, faz parte das historiografias espanhola e francesa, e da memória dos retirantes. São inúmeros os depoimentos dos maus-tratos dispensados pelas autoridades francesas, quando a maré humana de republicanos espanhóis atravessou a fronteira e foi conduzida sob a escolta armada de soldados e policiais franceses, entre eles:

[sic] Francamente dava rabia. Es verdade que los franceses nos dejaron entrar en su país, para protegernos de los franquistas, cosa que tenemos que agradecer, pero era lamentable la manera que nos tratavan. Como si fuésemos un rebaño de animales, conducidos al curral. (BRILLAS, p. 3-4).¹⁰

E ainda, a respeito do exílio inicial na França, em 1939, de acordo com San Geroteo (2012, p. 110):

L'entrée sur le territoire français fut loin d'être glorieuse, les promesses ne furent en aucun cas tenues, sans doute n'y avait-il pas assez de fleurs pour recevoir tous ces fugitifs, fervents admirateurs de la France. La déception des émigrés fut à la hauteur de l'imprévision et du laxisme du gouvernement français durant les premières semaines de l'exil.¹¹

Os campos de internamento franceses, onde os refugiados republicanos considerados “estrangeiros indesejáveis” pelo governo francês permaneceram retidos em regime concentracionário, embora não tivessem a mesma finalidade dos campos de extermínio nazistas, ceifaram a vida de muitos deles pela falta de higiene, de instalações sanitárias, de água potável e de um teto para abrigá-los. Inicialmente, dormiam ao relento, na praia, sujeitos às intempéries do frio invernal, um dos mais rigorosos daquela década. Foram acometidos por doenças, como disenteria, tifo, pneumonia, desnutrição, além de pragas como sarna, piolhos e pulgas (ALTED, 2012; BUADES, 2013; CABEZA, 1987; DE MARCO, 2011; PESCHANSKI, 2009; SAN GEROTEO, 2012).

Exatamente após 220 dias no Camp d'Argèles, quando Pedro Brillas saiu do campo, teve início a Segunda Guerra Mundial (1939-45). Assim, novamente levado pelas

¹⁰ Francamente dava raiva. É verdade que os franceses permitiram que entrássemos no seu país para nos proteger dos franquistas, fato que temos que agradecer, mas era lamentável a maneira como nos tratavam. Como se fossemos um rebanho de animais conduzidos ao curral (tradução nossa).

¹¹ A entrada no território francês não foi nem um pouco gloriosa, as promessas não foram sustentadas, sem dúvida alguma, não havia flores suficientes para receber todos esses fugitivos, fervorosos admiradores da França. A decepção dos imigrantes foi no mesmo grau da improvisação e do laxismo do governo francês durante as primeiras semanas do exílio. (tradução nossa).

circunstâncias, o jovem hispânico testemunhou e sofreu as mazelas de outro conflito bélico, ainda mais longo, desta vez, em terras estrangeiras, na França e Alemanha, e desabafa:

[sic] Foram 220 dias, passando frio, fome, comido por piolhos e pulgas, com disenteria, sarna e muitas humilhações, mal vestido e dormindo na areia. Entrei ferido, saí curado, não pelos curativos recebidos no campo. Entrei esperançoso. Saí decepcionado.

Amaldiçoando os franceses pelos maus tratos, desde que cruzei a fronteira, onde a primeira palavra aprendida em francês foi “**ALLEZ-ALLEZ**”! Agora, no trem renasciam minhas esperanças. Só lamentava a nova Guerra. (BRILLAS, 2005-2006, p. 19, grifo do autor).

Naquele trem, Pedro e mais 200 refugiados espanhóis foram conduzidos para serem incorporados às 13ª e 14ª *Compagnies de Travailleurs Étrangers* (CTE), sob o comando e vigilância do exército francês, uma espécie de “reservatório” de mão de obra gratuita para a França, durante a guerra (EGGERS, 1995). Assim, no início da Segunda Guerra Mundial, Pedro trabalhou na fortificação da linha de defesa Maginot, na fronteira com a Bélgica, para contenção da invasão nazista. Posteriormente, foi obrigado a trabalhar sob o comando do exército alemão, na França invadida, em uma base de submarinos de guerra da marinha nazista, em La Pallice.

Pedro recorda o exílio inicial na França, e a viagem posterior à Alemanha:

[sic] Naquele momento, acabava um período de mais de três anos vividos na França, dos quais guardo mais ruins que boas lembranças.

As primeiras palavras em francês que aprendi ao cruzar a fronteira em Le Perthús, foram ALLEZ! ALLEZ! Pronunciadas por soldados e gendarmes franceses, que nos empurravam a caminho do CAMP D'ARGELES.

Já no fim, em La Pallice, aprendi as primeiras palavras em alemão, HERRAUS ! HERRAUS !, pronunciadas por soldados alemães, que nos despertavam à coronhadas, no acampamento da base submarina, de La Pallice.

Às 5 horas da tarde do dia 15 de agosto de 1942, rolava um trem que me levaria, assim aos mais de cem “voluntários” rumo à Alemanha.

Poucas horas mais tarde o trem cruzava a fronteira entre a França e Alemanha, pela região do Sarre, que já foi francesa, e agora era alemã. (BRILLAS, 2005-2006, 7º cap., p. 8).

Em 1942 o autor foi deportado para a Alemanha para trabalhar em fábricas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1943, em Hagen, Alemanha, os caminhos dos conterrâneos espanhóis Pedro e Joaquim se cruzaram, e nunca mais se afastaram. O memorialista, após sobreviver a rajadas de metralhadoras e a diversos bombardeios naquela cidade, o último deles no dia 15/04/1945, que destruiu o prédio onde morava a sua então namorada alemã, na Vestfália, Alemanha, Pedro perdeu todos os seus pertences, inclusive os seus diários. No fim da guerra, foi obrigado pelas forças aliadas a deixar o país.

A seguir, Pedro resume a sua estada na Alemanha, expressa sua convicção política e sensibilidades:

[sic] Entrei na Alemanha em agosto de 1942, com o patrício Carlos conhecido em Bordeaux, saindo dia 9 de maio de 1945, no fim da guerra, acompanhado de Maria e outro patrício Blanco. Passei portanto, 2 anos e nove meses na Alemanha.

Conheci muitos perigos, humilhações, fome, frio, perdi todos os meus pertences, conheci espanhóis, alemães, russos, ucranianos, italianos, gregos, iugoslavos, polacos etc encontrando pessoas boas, outras más, fanáticos etc.

Gostei muito de Hagen e ainda gosto, dos parques agradáveis, monumentos, vales, colinas, dos rios Volme e Ennepe, com águas claras.

Tenho boas recordações do Estanislau, dos Richter, dos Neumann, dos Burkardt, das empresas, onde aprendi bastante.

Não gostei dos americanos, que não me permitiram escolher entre ficar na Alemanha ou partir, dos dez dias no quartel, que foram horríveis, das balas que atiraram em mim, dos bombardeios na cidade de Hagen. Eles alegavam ser uma represália aos ataques dos nazistas com bombas V1 e V2. Felizmente não nos maltrataram. [...].

NÃO LAMENTO TER CONHECIDO E VIVIDO NA ALEMANHA; MUITO PELO CONTRÁRIO, GANHEI EXPERIÊNCIA E MAIOR CONVICÇÃO DE MINHAS IDEIAS ANARQUISTAS, VOLTANDO MAIS HOMEM...

(BRILLAS, 2005-2006, 8º cap., p. 14, grifo do autor).

No pós-guerra (1945) foi outra vez detido na França, desta vez no *Camp de Noé*, com a sua companheira alemã, que cruzou a fronteira com documentação falsa, passando-se por espanhola. Käthe Maria sobreviveu por pouco de uma pneumonia, pois dormia na areia molhada do campo de internamento.

Viveram e formaram família multicultural em Paris, onde se reencontraram com Joaquim, também casado e com filhos franceses. Na cidade, Pedro trabalhou como assistente administrativo no *Solidariedad Obrera*, jornal espanhol anarcosindicalista, ligado à Conferación Nacional del Trabajo (CNT) d'Espagne en exil, à qual era filiado.

Após seis anos, já com filho, ante o temor de outro conflito bélico na Europa em razão do clima da Guerra Fria, o casal Brillas decidiu emigrar ao Brasil, de comum acordo com a família Macip, com esperanças renovadas, em busca de um refúgio seguro, subvencionados pela IRO⁶.

No dia 9 de dezembro de 1951, a família Brillas ao desembarcar do vapor Campana (Figura 4), no Rio de Janeiro, foi encaminhada à Ilha das Flores, onde permaneceu cinco dias. Após este período, a família embarcou em um trem rumo à cidade de São Paulo, onde ficou alojada, por uma semana, na Hospedaria dos Imigrantes (WEBER, 1989).



Figura 4 - Paquebot Campana, França

Fonte: Editions Modernes France. Collections Cartes Postales. Acervo da autora.

Décadas depois da chegada ao Brasil, o autor rememora as primeiras impressões ao chegar ao país de navio, pela baía da Guanabara. A bela paisagem encantou a todos os passageiros imigrantes do Campana:

[sic] No dia 9 de dezembro de 1951, o barco CAMPANA, depois de uma viagem de 15 dias pelo Mar Mediterraneo e Oceano Atlantico, de madrugada entrava na Bahia de Guanavara e puxado por 2 rebocadores alcançava o porto do RIO DE JANEIRO. [...]

Fazia um bonito dia com sol ainda não muito alto. Nos juntamos com nossos companheiros de viagem que já estavam no convés contemplando o bonito panorama.

Francamente dava prazer em ver o barco deslizar devagar puxado pelos rebocadores, no meio da bahia, cruzando com diversas embarcações de diversos tamanhos, incluso alguns buques de guerra ancorados a certa distancia do porto. Ao fundo, cada vez mais visível a cidade de Rio de Janeiro, com suas colinas, sobressaindo o que depois soubemos era o Pão de Açúcar e o Corcovado com a estátua de Cristo com os braços abertos, e mais longe os morros com as suas favelas.

Praticamente todos os passageiros estavam encantados com o bonito espetáculo, muitos fazendo fotografias. (BRILLAS, 2005-06, 11^o cap., p. 1).

Os Macip ingressaram no país um mês depois, em janeiro de 1952, sem passar pela Hospedaria dos Imigrantes, pois já tinham os seus amigos Brillas aguardando-os, em São Paulo. Finalmente, no início da década de 1950, após sucessivas transições no exílio europeu, Pedro Brillas e Joaquim Macip fixaram residência e raízes em São Paulo, onde faleceram.

Esses recorrentes deslocamentos a partir da guerra civil espanhola foram acompanhados pelos escritos de Pedro Brillas, nos quais o autor busca sistematizá-los segundo uma coerência temática e cronológica de sua trajetória e vivências, pois:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. (BOURDIEU, 2005, p. 184):

Cabe salientar que esses deslocamentos de Pedro Brillas e Joaquim Macip, entre diversos cenários e contextos, levados pelas circunstâncias, não se restringem apenas às mobilizações nas dimensões espacial e temporal, mas, sobretudo, a deslocamentos entre culturas, línguas, *habitus*, alimentação, ideias, além de novas dinâmicas de sociabilidade, muito diferenciadas e até, inesperadas, para quem, com apenas 19 anos e 21 anos, respectivamente, viram-se exilados da sua terra natal e afastados do convívio das suas famílias espanholas, passando a ter uma vida e/imigrante.

Considerações Finais

A prática da escrita de si e a de arquivar a própria vida pode ter várias motivações e origens. A vivência – como testemunha ou protagonista – de momentos indelévels, como conflitos bélicos, pode ser uma delas. A Guerra Civil Espanhola (1936-39) foi um marco na historiografia hispânica, nas vidas dos ex-combatentes e da população em geral, acarretando profundas sequelas em suas vidas, sobretudo, nas vidas dos republicanos espanhóis exilados.

As experiências comuns e extraordinárias, estratégias de sobrevivência, como a “*Retirada*” e os sucessivos deslocamentos no exílio foram algumas das consequências acarretadas pelo conflito fratricida, além de ter sido estopim para a Segunda Guerra Mundial (1939-45), também vivenciada por muitos republicanos espanhóis exilados na Europa.

Esses deslocamentos e experiências não se limitaram às dimensões espacial e temporal, mas extrapolaram para os âmbitos subjetivo, psicológico, social e cultural, tanto nos momentos dramáticos dos conflitos, quanto nas suas vidas cotidianas, no pós-guerra.

Há inúmeros relatos de testemunhos e protagonistas – celebridades e anônimos – da Guerra Civil Espanhola, mas, certamente são poucos aqueles que construíram e reconstruíram uma memória de si e da sua geração daquele episódio e das suas

consequências em suas vidas, e que ainda zelaram pela sua guarda e preservação, por quase sete décadas, como Pedro Brillas.

Por intermédio das autobiografias, de relatos escritos e orais e dos arquivos pessoais de populares, constituídos de diversos materiais documentais e objetos, é possível recuperar a trajetória, a memória individual e coletiva, as experiências e sensibilidades daqueles que se tornaram exilados involuntários e, posteriormente, imigrantes em busca de um refúgio seguro e de novas oportunidades.

Recebido em 30/3/2015

Aprovado em 12/5/2015

NOTAS

¹ Foucault (2006, p. 147) refere-se a “Os hupomnêmata, no sentido técnico, podiam ser livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam de lembrete. Sua utilização como livro de vida, guia de conduta parece ter se tornado comum a todo um público culto [...]. Eles constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; assim, eram oferecidos como um tesouro acumulado para releitura e meditação posteriores.”. E ainda: “[...] Eles não constituem «uma narrativa de si mesmo»; [...]. O movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele: trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (p. 149, grifo do autor).

² Câmara Sindical dos Fotógrafos Profissionais da Região Parisiense.

³ Certamente, trata-se de uma “madrinha de guerra” ou “amiga postal” que escrevia ou enviava pequenos presentes aos combatentes afilhados para elevar a sua moral (RAMON; ORTIZ, 2003).

⁴ Este foi um dos amigos de combate que Pedro Brillas reencontrou em Paris, cuja amizade estendeu-se por várias décadas, com troca de correspondência no Brasil e França.

⁵ Esta é a numeração anotada pelo autor nas folhas datilografadas, seguindo ordem numérica e temática, neste caso trata-se da página 54 do conjunto das últimas memórias, e página 18 dos escritos sobre a Guerra Civil Espanhola.

⁶ Conhecida aqui também como Organização Internacional para Refugiados (OIR). Foi criada (1946-52) pela Organização das Nações Unidas (ONU) para apoiar o repatriamento e a realocação dos refugiados e deslocados da Segunda Guerra Mundial (FISCHEL DE ANDRADE, 2005).

FONTES:

BRILLAS, Pedro. *Autobiografia. Memórias, Diários, Apontamentos* (Coleção – acervo particular) São Paulo, Barcelona, Aragão, Paris, Toulouse, diversas datas.

MACIP, Joaquim. *A minha História*. Curitiba, 2008, 39 p.

REFERÊNCIAS

ADÁMEZ, Guadalupe Castro. Palabras Desesperadas: Cartas de súplica al comité tecnico de ayuda a los republicanos españoles (1939-1940). In: VIEIRA, Alberto; CASTILHO,

Antonio; RODRIGUES, Henrique. (Orgs.) *Escritas das mobilidades*. v. 1. Funchal Ilha da Madeira: CEHA, 2011.

ALTED, Alicia. *La voz de los vencidos: el exilio republicano de 1939*. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 2012. Não paginado por ser E-book para Kindle.

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: Dilemas de la subjetividad contemporánea*. 1. ed. 3ª reimp. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

_____. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. Arquivos pessoais. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN. *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 45-54.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 183-191.

BUADES, Josep M. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Contexto, 2013.

CABEZA, Manuel Rubio. *Diccionario de la Guerra Civil Española*. Barcelona: Planeta, 1987.

CHARTIER, Roger. (Org.). *La correspondence: Les usages de la lettre au XIXe siècle*. Fayard, 1991.

DE MARCO, Valeria. Leitura do Êxodo Republicano Espanhol. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Guerra Civil Espanhola: 70 anos depois*. EDUSP; São Paulo, 2011. p. 96-115.

EGGERS, Christian. L'internement sous toutes ses formes: approche d'une vue d'ensemble du système d'internement dans la zone de Vichy. Le Temps des « indésirables ». Sur quelques camps d'internement français. *Le Monde juif. Revue d'histoire de la Shoah*. Paris, n. 153, p. 7-75, jan.-avril 1995.

FISCHEL DE ANDRADE, José Henrique. O Brasil e a organização internacional para os refugiados (1946-1952). *Revista Brasileira de Política Internacional*. [S.l.], v. 48, p. 60-96, 2005.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. *Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade e política*. 2. ed. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 144-162.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. O guarda-memória. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 111-119, 1997.

PASSERINI, Luisa. *A memória entre política e emoção*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011. (Coleção Ideias).

PESCHANSKI, Denis. *Les camps français d'internement (1938-1946)*. 2009. 959 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea) Université Paris 1 - Panthéon-Sorbone. Paris, 2009.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMON, Manuel de; ORTIZ, Carmen. *Madrina de Guerra: Cartas desde el frente*. Madrid: La esfera de los Libros, 2003.

SAN GEROTEO, Raymond. *Les Oliviers de l'Exil*. Sobrevivir - Collection dirigée par André Gabastou. Pau: Cairn, 2012.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Espelho de palavras: escrita de si, autoetnografia e ego-história. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Grafia da vida: Reflexões e Experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 39-61.

WEBER, Eugen Joseph. *França fin de siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.